

# **mund**



Veículos destruídos em área bombardeada por Israel em Rafah, no sul da Faixa de Gaza. *Matthieu Kraus/JEP*

## **Netanyahu pede a Exército plano para invasão de Rafah e retirada de civis**

Cidade concentra deslocados internos na fronteira; EUA sobem tom e criticam 'exageros' de Tel Aviv

### **GUERRA ISRAEL-HAMAS**

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmou nesta sexta (9) que o Exército de Israel precisa consultar operações na cidade superlotada de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, com o objetivo de derrotar o Hamas. O premiê pediu aos militares que elaborem um plano de retirada dos civis da cidade, onde há mais de 1 milhão de palestinos.

Seu gabinete anunciou a medida em um momento em que tem aumentado a pressão sobre Israel ante a ameaça de um ataque terrestre em Rafah, o último refúgio de centenas de milhares de palestinos que estão presos na cidade após terem sido forçados a se deslocar de outras áreas do território.

"É impossível alcançar o objetivo da guerra sem eliminar o Hamas e deixar quatro batalhões do Hamas em Rafah. Pelo contrário, está claro que a intensa atividade em Rafah requer que os civis deixem as áreas de combate", disse o comunicado emitido pelo gabinete de Netanyahu.

"Portanto, o primeiro-ministro ordenou às Forças de Defesa de Israel e aos órgãos de segurança que apresentem ao gabinete um plano combinado para retirar a população e destruir os batalhões".

Não está claro, no entanto, para onde os civis em Rafah poderiam ir. Muitos fugiram de cidades e vilas ao norte do território palestino devastadas pela guerra. Nesses lugares, os combates continuam e os suprimentos básicos estão criticamente escassos — Israel não permite o retorno de quem deixou essas áreas.

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, disse nesta quinta-feira (8) que a resposta de Israel aos ataques de 7 de outubro por terroristas do Hamas foi "exagerada", uma das críticas mais duras em contínuas até aqui à ação

militar de Tel Aviv. Washington afirmou que não apoiaria qualquer operação militar lançada em Rafah sem a devida consideração pelos civis. Grupos de ajuda humanitária dizem que haveria um alto número de mortes de palestinos se as forças israelenses invadissem a cidade e a abertam para a crescente crise humanitária no local, que fica na fronteira com o Egito.

O comunicado de Netanyahu foi emitido dois dias depois de o premiê rejeitar uma proposta de cessar-fogo do Hamas que previa a libertação de reféns mantidos pelo grupo terrorista em troca de trégua de quatro meses.

O gabinete do presidente da Autoridade Nacional Palestina, Mahmoud Abbas, afirmou nesta sexta-feira que um plano anunciado por Netanyahu para uma escalada militar em Rafah tem como objetivo expulsar os palestinos de suas terras na Faixa de Gaza.

O gabinete do chefe da Autoridade Palestina, que governa parcialmente a Cisjordânia, e passa por grave crise de legitimidade, disse que responsabiliza tanto a administração israelense quanto o governo dos EUA pelas repercussões do plano de Netanyahu.

A Autoridade Palestina pediu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas que fixe que atento aos movimentos de Israel. "Tel Aviv tomar essa medida ameaça a segurança e a paz na região e no mundo. Isso ultrapassa todas as linhas vermelhas".

Rafah virou o foco da campanha de Israel em Gaza à medida que Tel Aviv dedica sua ofensiva para o sul em resposta ao ataque de 7 de outubro por integrantes do Hamas.

Mais da metade dos 2,3 milhões de habitantes de Gaza agora estão abrigados em Rafah, muitos deles encerrados contra a cerca de fronteira com o Egito e vivendo em tendas improvisadas.

"Há um sentimento de crescente ansiedade e pânico em Rafah, porque basicamente as pessoas não têm ideia para onde ir", declarou Philippe Lazarrini, chefe da UNRW, agência de refugiados palestinos da ONU — o órgão foi acusado por Israel de ter funcionários trabalhando para o Hamas.

Alguns países, como os Estados Unidos, suspenderam doações à UNRW após a agência demitir alguns funcionários em meados de suspeitas de colaboração com os terroristas.

"Estamos extremamente preocupados com o destino dos civis em Rafah", disse o porta-voz da ONU, Stéphane Dujarric, na sexta-feira.

"O que está claro é que as pessoas precisam ser protegidas, mas também não queremos ver nenhum deslocamento forçado em massa de pessoas, o que, por definição, vai contra a vontade delas", disse Dujarric. "Não apreciaremos de forma alguma o deslocamento forçado, que vai contra o direito internacional".

Médicos e trabalhadores humanitários em Rafah tentam fornecer ajuda básica e prevenir surtos de doenças. "Nenhuma guerra pode ser permitida em um gigantesco campo de refugiados", disse Ian Egeland, secretário-geral do Conselho Norueguês de Refugiados, alertando para um "torbellino de sangue" se as operações israelenses se expandirem até o local.

Os Estados Unidos, principal aliado de Israel, intensificaram nesta semana os esforços para garantir um cessar-fogo e criticaram publicamente o governo de Netanyahu.

Além disso, que a resposta de Israel em Gaza tem sido exagerada, Biden afirmou que estava pressionando por um acordo para interromper os combates e, assim, permitir a libertação de reféns, além de aumentar a quantidade de ajuda humanitária ao território e normalizar as relações entre Israel e Arábia Saudita.

### **Israel bombardeia Rafah e planeja ação terrestre em cidade superlotada**

Áreas em que Israel teria eliminado presença do Hamas  
 Avanços do Exército israelense  
 Zona humanitária  
 Corredor humanitário  
 Adensamentos urbanos



## **Biden se irrita com relatório, nega memória fraca e faz nova confusão**

Fernanda Perrin

Washington. Uma investigação sobre a posse de documentos confidenciais por Joe Biden após ele deixar o cargo de vice-presidente, em 2017, terminou sem resultar em acusações contra o democrata. O relatório sobre o caso, porém, mencionou dificuldades de memória que têm potencial de prejudicar mais o mandatário do que um processo na Justiça. "Ele não se lembra de quando era vice-presidente, esquecendo no primeiro dia da entrevista quando seu mandato terminou (se foi em 2013, quando parei de ser vice-presidente?)", e esquecendo no segundo dia da entrevista quando seu mandato começou (em 2009, ainda era vice-presidente?). Ele não se lembrava, mesmo num espaço de vários anos, quando seu filho Beau faleceu", diz o relatório assinado pelo conselheiro especial Robert Hur, do Departamento de Justiça, divulgado nesta quinta (8).

Biden, 81, concedeu as entrevistas em 8 e 9 de outubro, logo após os ataques pelo grupo terrorista Hamas contra Israel, no dia 7. As falhas de memória foram uma das razões mencionadas pelo conselho especial para não apresentar acusações contra o democrata sobre seu manuseio dos documentos, apesar de ter encontrado evidências de irregularidades.

Consideramos que, em um julgamento, o sr. Biden provavelmente se apresentaria ao júri, como fez durante nossa entrevista com ele, como um homem idoso, simpático e bem-intencionado, com uma memória fraca", escreve Hur. "Seria difícil convencer um júri de que deveriam condená-lo, sendo ele um ex-presidente já na casa dos oitenta anos, por um crime grave que requer um estado mental de intencionalidade".

O relatório que apontou "memória fraca" irritou o democrata. Horas depois da divulgação, Biden disse a jornalistas na Casa Branca que a sua memória "está boa". Em tom mais duro do que o habitual, o presidente americano voltou a afirmar que em nenhum momento infringiu a lei, e criticou a menção a seu filho Beau no documento. "Eu me lembro todos os dias de quando ele morreu", afirmou o democrata. "Como diabos ele [Robert Hur] se atreveu a levantar essa questão? Francamente, quando me fizeram a pergunta, pensei comigo mesmo: 'não era da conta deles'".

Ao comentar o conflito entre Israel e Hamas, ainda durante o pronunciamento, Biden conectou novo deslize ao se referir ao ditador do Egito, Abdel Fattah el-Sisi, como presidente do México. Quando questionado se não deveria se afastar da corrida presidencial devido à idade, o democrata disse que é a pessoa mais qualificada do país para ser presidente e que deveria terminar o trabalho que começou. Em relação ao relatório, disse que consideraria o assunto encerrado.

Já os advogados do presidente afirmam que a descredibilidade gerada pelo relatório de sua memória não é correta. Em resposta enviada ao conselheiro especial, Richard Sauber e Rob Bauer dizem que não veem erro no tratamento como "previsão ou apropriação".